



signos geográficos

Boletim NEPEG de Ensino de Geografia

ISSN: 2675-1526

www.revistas.ufg.br/signos

MAPA MENTAL NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UMA FORMA DE EXPRESSAR O SEU ESPAÇO DE VIVÊNCIA.

MENTAL MAP IN GEOGRAPHIC EDUCATION: A WAY TO EXPRESS YOUR LIVING SPACE.

MAPA MENTAL EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA: UNA FORMA DE EXPRESAR SU ESPACIO VITAL.

Érica Nayara Santana do Nascimento

Mestre em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Professora da Rede Pública de Ensino do Mato Grosso

ericanay.geografia@gmail.com

Resumo: A vida moderna necessita cada vez mais da manipulação de mapas com as mais variadas informações que auxiliam o homem a relacionar-se com o mundo em sua volta, no entanto, em diversas situações o mapa é utilizado em sala de aula apenas para localizar determinados lugares, sem dar uma maior ênfase na forma em que os elementos estão dispostos, como as linhas, trajetos, legendas, pontos, escalas, entre muitos outros pontos que ajudam a desenvolver nos alunos a alfabetização cartográfica e o raciocínio espacial. Nessa perspectiva, propõe-se o mapa mental como uma metodologia, capaz de expressar o conhecimento científico visto em sala de aula, juntamente aos saberes e experiências cotidianas que os alunos possuem perante o seu espaço de vivência. São apresentados exemplos de mapas mentais elaborados por alunos do Ensino Fundamental II, para reflexão sobre esse instrumento que traduz a subjetividade do indivíduo, e amplia o raciocínio espacial dos alunos. Foi possível apreender as percepções, as significâncias e entender os diferentes olhares dos indivíduos refletidos nas próprias representações.

Palavras-chave: Mapas, Geografia, Vivência, Raciocínio.

Abstract: Modern life needs more and more the manipulation of maps with the most varied information that help man to relate to the world around him, however, in several situations the map is used in the classroom only to locate certain places, without giving a greater emphasis on the way in which the elements are arranged, such as lines, routes, subtitles, points, scales, among many other points that help to develop in students the cartographic literacy and spatial reasoning. In this perspective, the mental map is proposed as a methodology, capable of expressing the scientific knowledge seen in the classroom, together with the knowledge and daily experiences that the students have before their living space. Examples of mental maps prepared by elementary school students is presented for reflection on this instrument that translates the subjectivity of the individual, and expands the spatial reasoning of students. It was possible to apprehend the perceptions, the significances and understand the different views of the individuals reflected in the representations themselves.

Keywords: Maps, Geography, Experience, Reasoning.

Resumen: La vida moderna necesita cada vez más—la manipulación de mapas con la más variada información que ayude al hombre a relacionarse con el mundo que le rodea, sin embargo, en varias situaciones el mapa se utiliza en el aula sólo para localizar determinados lugares, sin dar un mayor énfasis a la forma en que se disponen los elementos, tales como líneas, rutas, subtítulos, puntos, escalas, entre muchos otros puntos que ayudan a desarrollar en los estudiantes la alfabetización cartográfica y el razonamiento espacial. En esta perspectiva, el mapa mental se propone como una metodología, capaz de expresar el conocimiento científico visto en el aula, junto con el conocimiento y las experiencias diarias que los estudiantes tienen ante su espacio vital. Se presentan ejemplos de mapas mentales preparados por estudiantes de escuela primaria para la reflexión sobre este instrumento que traduce la subjetividad del individuo y expande el razonamiento espacial de los estudiantes. Fue posible comprender las percepciones, los significados y comprender los diferentes puntos de vista de los individuos reflejados en las propias representaciones.

Palabras clave: Mapas, Geografía, Experiencia, Razonamiento.

Introdução

É perceptível a presença de mapas em nossa vida, no dia a dia, na previsão do tempo, nos folders de deslocamento, itinerários de ônibus e metrô, entre diversas formas que possam aparecer o mapa como parte comum em nosso cotidiano. No entanto, muitas vezes, não encontramos as informações que desejamos por não conseguir entender o que os mapas têm a nos dizer. Nesse caso, precisamos inserir os mapas como parte do cotidiano da escola e, ao decodificá-los, o professor pode avaliar o entendimento do aluno, como ele percebe, relaciona e estrutura o espaço geográfico.

Cavalcanti (2009, p. 142) retrata que “[...] a Geografia no ensino tem a tarefa de propiciar ferramentas de leitura do mundo, do ponto de vista espacial, num trabalho pedagógico-didático”. Entretanto, o professor precisa colocar em prática uma didática que considere certos fatores adjuntos como, a idade, o ambiente e os recursos, tornando um aprendizado articulado aos fenômenos que ocorrem no dia a dia da criança, posto que do cotidiano emerge grandes questões e o professor precisa agir como mediador da ciência geográfica por meio da vivência do aluno.

Nessa perspectiva, a Geografia conta com diversos instrumentos didáticos, em especial, o mapa mental, que contribui com a aproximação do ensino geográfico ao cotidiano do aluno, ou seja, um elemento indispensável que permite ao aluno expor a sua própria leitura de mundo. Para reforçar essa afirmação, Castellar (2007) ressalta que os mapas mentais são representações em que não há preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção geográfica, pois ocorrem

a partir da memória e podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores. Isso ocorre a fim de “[...] revelar valores que os indivíduos têm dos lugares, dando-lhes significados ou sentidos ao espaço vivido” (CASTELLAR, 2007, p. 25).

Sabemos que a imagem é carregada de memória e significados, portanto, expressar num papel o espaço vivido é o mesmo que representar algo que se encontra presente na memória. Nesse contexto, concordamos com Lynch (1960), ao retratar que cada cidadão possui relação com uma parte da sua cidade e a imagem que o indivíduo cria está impregnada de memórias, muitas vezes precedidas de recordações. Assim, cada indivíduo pode expor uma imagem espacial própria e única, refletindo em seu mapa mental algo muito particular, visto que os lugares são organizados mediante o sentido que as pessoas dão.

Para a Geografia, portanto, a imagem, o desenho e o mapa são recursos fundamentais para a mediação entre o sujeito e o conhecimento, por serem expressão de algum conteúdo geográfico que, construído pelo sujeito, expressa uma síntese em elaboração, um conceito em construção (CAVALCANTI, 2010, p. 9).

Diante desta contextualização, faremos uma discussão teórica-metodológica referente ao uso do mapa mental no ensino de Geografia, trazendo alguns exemplos de decodificações como fase fundamental, para entender o nível de consciência espacial de cada aluno.

Os dados apresentados neste estudo, são decorrentes de levantamentos metodológicos adquiridos numa pesquisa de mestrado realizada em 2017, onde o lócus investigativo é o centro histórico da cidade de Cáceres-MT, ou seja, um lugar de relação e formação do sujeito por meio da sua casa, praças, ruas, escola, lugares que são familiarizados ao aluno.

Conforme a proposta, os alunos envolvidos na elaboração dos mapas mentais pertenciam a turma do 7º ano do Ensino Fundamental II da Rede Pública de Ensino, cuja, escola se encontra dentro do mesmo recorte espacial solicitado como referência para representação. Vale destacar que a escolha da turma investigada se deu em trabalhar nesta fase, temáticas e conteúdos que permeiam a formação do espaço urbano e possibilitam analisar e refletir sobre o espaço vivido. Seguindo também o critério de idade defendido por Almeida e Passini (2010), entre 11 a 12 anos a criança começa a adquirir capacidade de produzir representações próprias, bem como, interpretar a área representada em um mapa.

O aporte fenomenológico deste estudo encontra-se respaldado nas experiências dos alunos em relação ao seu entorno e ao lugar observado e estruturado por eles, consequentemente, refletido no mapa mental, a partir da experiência particular e individual de cada um, como um produto de uma imagem concebida.

A base teórica da Geografia Humanística se define como a linha do pensamento geográfico que busca a compreensão das relações do indivíduo com o seu espaço na perspectiva da relação do indivíduo com o seu mundo cotidiano, pois, “ressalta e valoriza as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos” (ROCHA, 2007, p. 21). Nas palavras de Holzer (2000, p.112), essa linha de pensamento traz consigo “uma aproximação entre memória, história e espacialidade”, ou seja, a valorização dos sentimentos, das relações sociais e das experiências adquiridas no espaço de vivência.

Diante da importância dessa corrente, o espaço é conceito chave da Geografia Humanística, o que pode ser acentuado como elo entre a pessoa e o lugar, relacionado com a experiência pessoal vivida (TUAN, 1980).

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982, p. 143).

Nessa linha de análise, consideramos a percepção e os valores do ser humano com o seu cotidiano, transformando um espaço indiferenciado em lugar, à medida que agregamos valores, explorando-o e conhecendo-o melhor. Os lugares com os quais estabelecemos vínculos e relações pessoais ou profissionais, como a escola, a nossa casa, nosso trabalho ou o prédio onde moramos, adquirem um significado particular para nós. Por serem lugares familiares, são chamados de espaço vivido.

Mapa mental: reflexo do espaço vivido

Nos dias atuais, é possível ver nitidamente as mudanças ocorridas no ensino de Geografia, por meio de novas discussões, que propõem a construção do conhecimento geográfico em prol das vivências e do raciocínio espacial dos alunos.

O ensino da Geografia no século XXI, portanto, deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e para a escala local (do lugar de vivência dos alunos), [...] deve realizar constantemente estudos do meio (para que o conteúdo ensinado não seja meramente teórico ou “livresco” e sim real, ligado à vida cotidiana das pessoas) e deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas, paisagem, problemas sócio-espaciais (VESENTINI, 1996, p. 221).

A ciência geográfica vem subsidiar-se de práticas pedagógicas, que possibilitem um novo olhar perante o desenvolvimento de um ensino crítico, que motiva o aluno a ser mais

participativo, não somente em sala de aula, mas ao que condiz à sociedade que o cerca. Esse procedimento caracteriza-se por uma ação cognitiva, desenvolvida nos alunos, a fim de mediar à formação de conceitos geográficos com a construção do pensamento espacial.

Para tanto, pensar o ensino de Geografia como possibilidade de valorização do cotidiano, proporciona ao estudante a ampliação da capacidade de observar, conhecer e representar o lugar em que vive. É seguindo esse raciocínio que Lopes (2012, p.28) afirma a importância de entendermos as continuidades do cotidiano dentro das salas de aula. Para o autor, “[...] o professor atua como sujeito importante na construção do saber entre teoria e uma prática ligada à vida diária de seus educandos”.

O mapa precisa ser utilizado como um meio de expressão e de comunicação, porém, há um grande desafio por parte do professor ao trabalhar com a elaboração e leitura de mapas, pois, sabemos que tais atividades apresentam-se como um obstáculo pedagógico e curricular, o que acarreta no fato de muitos alunos não saberem ler mapas nem elaborá-los. Para Aguiar (2013, p.95), “[...] usufruir do mapa em seu benefício ou de seu grupo social equivale a dizer que a criança é cartograficamente letrada: ela sabe o que é, e para que serve um mapa”.

Desde as séries iniciais, aprender a ler um mapa é algo indispensável no ensino de Geografia. Nesta etapa, os desenhos elaborados pelos alunos podem ser explorados pelo professor como mapas mentais, que traduz a significância dos objetos desenhados para identificar lugares, pois, aprendendo a elaborar o mapa, também será capaz de decifrar os símbolos neles contidos e utilizá-lo na sua vida cotidiana para se deslocar. Aderindo a essa compreensão, Cavalcanti (1998) nos fala que o trabalho com mapas mentais construídos pelos alunos tem por finalidade conhecer o nível de sua consciência espacial, ou seja, entender como percebem o lugar em que vivem. Tal recurso didático permite de forma simplória, a integração das experiências que os alunos possuem sobre o seu espaço de vivência, atrelado aos conteúdos vistos em sala de aula.

Na Geografia escolar o mapa mental é um importante recurso didático a ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem, pois a sua construção possibilita ao professor reconhecer quais são as experiências, interpretações, avanços e limites de cada aluno.

Essa aproximação entre o sujeito e o espaço, pode ser entendida como o meio de expressão do indivíduo, como afirmam Ramírez e Soto (2008, p. 6):

Las posibilidades que ofrece la Geografía de La percepción para el trabajo pedagógico en la enseñanza [...] resultan interesantes y útiles para la educación espacial, especialmente porque favorecen una aproximación distinta, individual y subjetiva al mundo real. Además, obliga a tomar como base los conocimientos previos que los

Estudiantes tienen acerca del tema, y al ligar lo con sus propias experiencias, propician aprendizajes significativos (RAMÍREZ; SOTO, 2008, p. 6).

A prática do mapa mental é um trabalho instigador, que possibilita o sujeito a apreender e a representar o espaço, por meio de percepções próprias, acentuando seus sentimentos e experiências. Nesse caso, abordar e elaborar mapas mentais, proporciona a redução da distância entre conhecimentos científicos, vistos na Geografia, e a prática cotidiana dos alunos, instigando-os a serem mais críticos em relação a suas realidades.

Potencializando esse pensamento, Richter (2011, p. 124), nos esclarece:

O que queremos salientar é a necessidade de incluir, cada vez mais, novos recursos e, principalmente, novas linguagens que nos permitam ampliar o conhecimento geográfico para além das “quatro paredes” da sala de aula. O aluno precisa estabelecer relações entre os saberes aprendidos na escola com a prática da vida cotidiana (RICHTER, 2011, p 124).

Seguindo as reflexões de Richter (2011), os mapas mentais atuam como instrumentos carregados de subjetividade do indivíduo mapeador, sendo que o mesmo inclui elementos particulares que enriquecem as representações e também amplia o seu raciocínio espacial, ao impor seus próprios traços cartográficos. Nessa perspectiva, se faz necessário pensar a cartografia como suporte para a ciência geográfica, por meio de atividades potencializadoras que trazem consigo uma leitura de mundo. É a partir dessa ideia que Kozel (2007, p. 121) salienta o mapa mental como instrumento de representação espacial:

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. A imagem de algo reflete uma construção simbólica (KOZEL, 2007, p. 121).

Paganelli (2008) afirma que o ser humano organiza em sua mente caminhos e esquemas de determinados conhecimentos. Esse conhecimento prévio e as novas informações são armazenados em nossa mente e podem ser representados de maneira que atenda a percepção e a noção que uma pessoa traz diante de um tema em estudo ou um lugar. Ainda segundo a autora, tais imagens construídas em nosso imaginário podem ser representadas através do mapa mental, pois:

Os mapas mentais são uma ferramenta de subsídio para representação e melhor compreensão do lugar, e um importante recurso para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem referente às categorias geográficas, sobretudo o lugar, através de percepções próprias dos alunos (PAGANELLI, 2008, p. 34).

No entanto, os mapas mentais exigem certa interpretação e decodificação, uma vez que eles refletem as representações dos indivíduos em relação ao espaço geográfico, ao espaço vivido, cujos signos são construções sociais. Existem métodos interpretativos, como a metodologia proposta por Kozel (2007), utilizada para a decodificação dos mapas mentais, buscando identificar o grau de relação dos alunos com o espaço vivido e a maneira como os elementos estão dispostos no mapa, considerando os seguintes fatores:

1. Representação dos elementos na imagem, como ícones diversos, letras, números, linhas, pontilhados, setas, figuras geométricas, elementos cartográficos (rosa dos ventos, escalas) etc.
2. Distribuições dos elementos na imagem, referente à forma como estão dispostos, como horizontal, vertical, central, dispersa, isolada, em quadros etc.
3. Especificidade dos ícones:
 - Elementos da paisagem natural;
 - Elementos da paisagem construída;
 - Elementos móveis;
 - Elementos humanos.
4. Apresentação de outros aspectos ou particularidades.

Há também outros itens aplicados à análise dos mapas mentais que propiciam suas decodificações, bem como a dispersão espacial dos fenômenos utilizados pelo aluno mapeador, tais como: noção de distância ao representar os elementos (longe, perto, dentro, fora), questões de afetividade (laços e limites afetivos), legenda, título, ações e intenções.

Desse modo, as representações sígnicas tornam-se um recurso capaz de expressar identidades locais e regionais, bem como, experiências, ideias e imagens que refletem visões de mundo. Com isso, a linguagem cartográfica torna-se uma ferramenta analítica para a interpretação da realidade (SEEMANN, 2010).

Entende-se que as pessoas simbolizam o mesmo espaço de forma diferenciada, uma das outras, construindo e reproduzindo imagens mentais particulares e cheias de intencionalidades, cabendo ao decodificador a função de compreender e analisar o significado que as pessoas dão ao seu espaço.

O maior desafio ao pesquisador consiste em decifrar processos cognitivos e mentais que são de difícil captação e que muitas vezes apenas podem ser compreendidos quando se manifestam de forma concreta (MALANSKI; KOZEL, 2015, p. 160).

Outros autores como Ascensão e Valadão (2013) defendem, ainda, que no momento da interpretação dos mapas é necessário levar em conta aspectos de afetividade, questões do vivido, confrontando os saberes científicos com as práticas espaciais dos indivíduos, dando-lhes sentido social e favorecendo o entendimento da geograficidade local.

Corroborando com o procedimento de leitura e compreensão das representações mentais, Simielli (1999) considera quatro aspectos principais: localização, análise, correlação e sintetização dos elementos mapeados.

Desta forma, os mapas apresentados a seguir foram construídos após a discussão do tema, possibilitando ampliar o entendimento dos alunos referente a contextos da produção do espaço urbano da cidade em que se encontram inseridos, podendo, assim, analisar o que sabem sobre essas questões e expressar também o seu sentimento de pertença local. Nesse caso, a cidade “produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo, [...] é a porção do espaço apropriável para a vida [...] que pode ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007, p. 17).

Cada aluno participante da pesquisa elaborou o seu mapa mental do centro histórico da cidade, destacando os elementos patrimoniais solicitados, sendo esses: a antiga Câmara Municipal, estátua do Anjo da Ventura, Praça matriz “Barão do Rio Branco”, escultura do “Marco do Jauru”, igreja matriz “Catedral de São Luiz” e a antiga “Casa Rosa”. Tais elementos foram escolhidos pela importância de compreender as transformações históricas que permeiam a realidade socioespacial da cidade. Sobre isso, Vesentini (1999, p. 22) enfatiza que para a ciência geográfica é extremamente necessário, “[...] levar o aluno a compreender o mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os econômico-culturais”.

Para tanto, investigamos quais subsídios foram utilizados pelos alunos ao construir suas representações, como título, legenda, orientação, simbologia e uso da escrita, considerando que são dados relevantes para o entendimento/leitura do mapa mental de cada aluno.

O Mapa 01 (Figura 01) representa os elementos na imagem através de letras, desenhos, figuras geométricas e linhas, e estão distribuídos com vista aérea e trajetos. Os ícones apresentam a especificidade de paisagem natural e construída. Verificamos outros aspectos particulares que se mostram importantes, como inserir um início de legenda e sequência dos pontos visitados.



Figura 01: Mapa 01
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

É possível notar na representação que as ruas vão interligando os elementos formando uma rede de caminhos, um elo a partir da escola até os demais lugares. Essa representação coincide com a observação de Callai (2003, p.125-126): “a rua é lugar de trânsito, de circulação, de paisagem para se chegar a outros lugares. [...] as ruas revelam o passado, o presente e permitem, inclusive, que se vislumbre o futuro”.

No mapa 02 (Figura 02) apenas a paisagem construída está em destaque, representada inicialmente pelo ponto “A”, sendo esse referido na legenda como a Escola, o que deixa em evidência certos sentimentos de pertencimento ao seu espaço circundante, um local de vivência do aluno, onde ele está presente diariamente, criando laços de amizade, relações com a escola e professores. Nesse caso, podemos entender que o espaço escolar além de ser um âmbito funcional, é também percebido e vivido pelas pessoas (PALLASMAA, 2011).

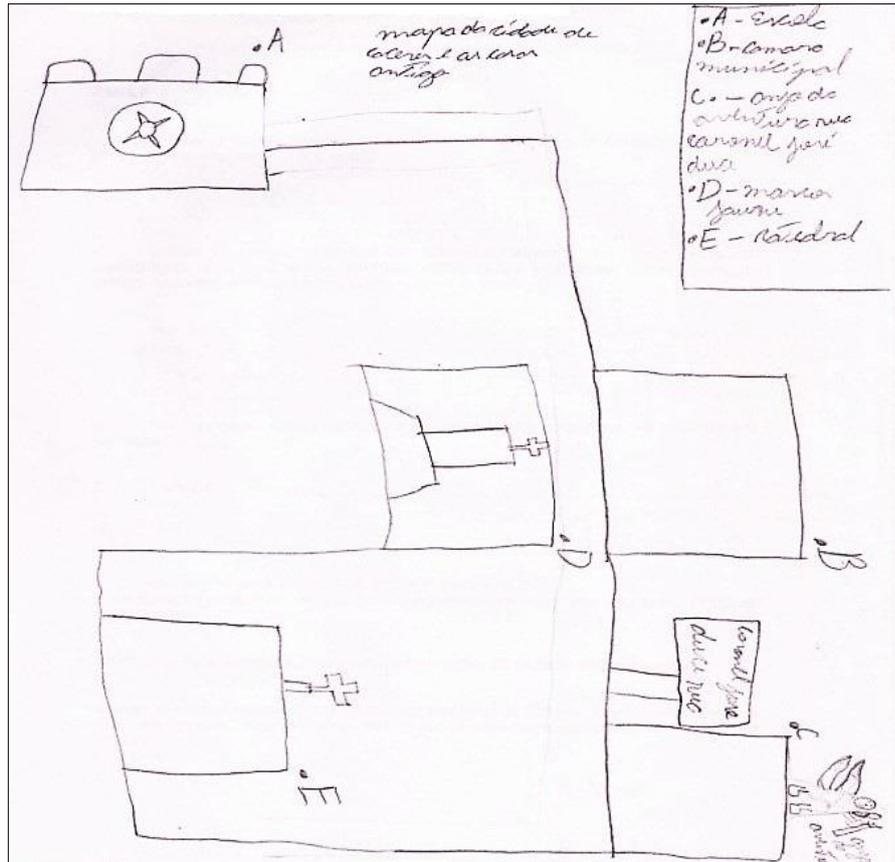


Figura 02 : Mapa 02
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Podemos conferir a nomeação de uma rua, denominada por “Rua Coronel José Dulce”. Nessa perspectiva, Lynch (1960, p. 58) afirma que: “[...] as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo dessas vias”.

Uma rua pode ter um significado especial ou tornar-se importante, através do hábito de deslocar-se para ir à escola, ao trabalho, à padaria, enfim, por diversos motivos de um costume rotineiro desse aluno. “E, no lugar estão as ruas e as calçadas: a rua é o centro da vida, lá, o homem é tudo, desde caminhante, habitante a artista. A rua e o homem são elementos constitutivos das cidades” (LIMA; KOZEL, 2009, p. 229).

No mapa 03 (Figura 03) constata-se ícones em forma de letras, desenhos, figuras geométricas, linhas e pontilhados, distribuídos em trajetos e vista aérea. Compõe-se de paisagem construída com elementos naturais dispersos de forma mais ampla, sendo esses rio e peixes, demonstrando uma atenção pela natureza e pelo Rio Paraguai que perpassa cidade.



Figura 03 : Mapa 03
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com Malanski e Kozel (2015, p. 159), “o espaço para se tornar um lugar deve passar por uma relação afetiva e política de apropriação e significação por pessoas de um grupo cultural”. Portanto, tal descrição pode significar algum vínculo de pertencimento e/ou até rotineiro para o elaborador do mapa, visto que, as margens do Rio Paraguai é um lugar de interação social, onde a população cacerense frequenta aos finais de semana, apreciando o espaço natural que a cidade possui. Vale destacar que este não foi ponto solicitado na atividade, no entanto, também pertence à herança histórica da cidade.

No mapa 04 (Figura 04) verificamos representações significativas, começando pelos elementos dispostos em forma de desenhos, letras, figuras geométricas, linhas e pontilhados, que são distribuídos por trajetos.



Figura 04: Mapa 04
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Não há paisagem natural, todavia, há paisagem construída reproduzida através dos seis pontos solicitados, incluindo uma breve descrição dos elementos, o que auxilia na orientação geográfica para se deslocar no centro histórico, e deixa em evidência uma maior afinidade do sujeito com o lugar ao relatar sobre os espaços representados.

Diante dessa representação socioespacial, as palavras de Seemann (2010, p. 123) fazem total efeito, ao revelar que: “mapas não consistem exclusivamente de pontos, linhas e polígonos, mas também contém textos, não apenas na forma de legenda e títulos, mas também como nomes de lugares e outros atributos ao espaço” (SEEMANN, 2010, p. 123).

No mapa 05 (Figura 05), verificamos uma maior quantidade de elementos humanos comparados aos outros mapas. Além dos pontos solicitados, o aluno também inseriu bancos, lojas, casas, bar e semáforo, tudo organizado em forma de quadras, com características de espacialidade da área, o que demonstra ser traços de uma relação homem-espaço e um bom

observador do seu cotidiano que traduz em seu mapa uma riqueza em detalhes, uma boa noção de tamanho e proporção adequada dos elementos desenhados.

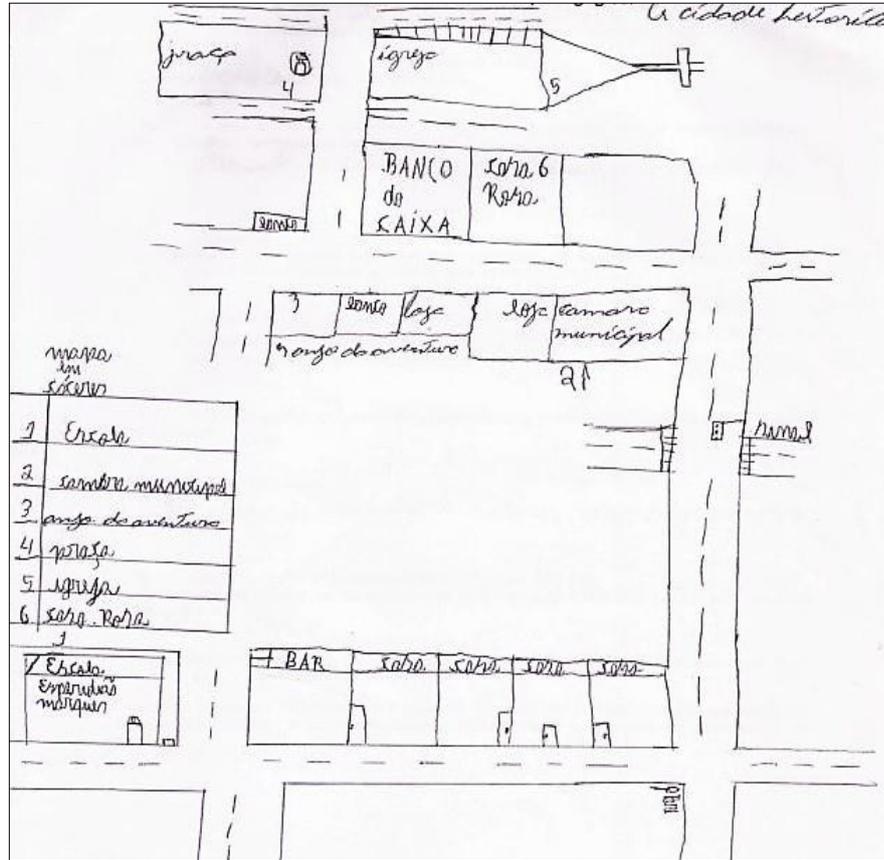


Figura 05 : Mapa 05
 Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nessa linha de análise, considera-se que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender, de avaliar o espaço em que vive, de dar “usos” diferenciados ao espaço, transformando-o em lugar. Isso está, de certa forma, relacionado com as condições de vida, cultura e ideologia de cada grupo ou indivíduo (AMORIM, 2009, p. 41).

As vivências, caminhos, relações pessoais, recordações, memórias, são questões que possibilitam os alunos construir os mapas mentais do seu lugar e retratam elementos que fazem parte do dia a dia desses estudantes. Na rotina de sua ida à escola, ao trabalho, ao lazer, perpassam por esses lugares habitualmente, fazendo o registro de suas próprias percepções.

Para Nascimento (2016, p. 6) “o mapa mental é uma representação particular de um espaço apreendido pelo indivíduo através de sua interação com o meio”. Neste sentido, os alunos conseguem relacionar não somente os saberes cotidianos aos conteúdos científicos

aprendidos nas aulas de Geografia, como também, revelam ações e intenções de suas vivências, angústias e afetividade em suas próprias representações.

Pode-se afirmar que o mapa mental é um recurso fundamental para a alfabetização cartográfica, pois possibilita o desenvolvimento do raciocínio espacial e promove a articulação entre conceitos da Geografia e conhecimentos que os alunos constroem dentro e fora da escola, ou seja, “[...] é o ser humano interagindo com o espaço” (LIMA; KOZEL, 2009, p. 228). Dessa maneira, na promoção de um ensino dinâmico, busca compreender, analisar e explicar a espacialidade geográfica, a partir dos diferentes olhares e contextos correspondentes à realidade circundante em que os sujeitos estão inseridos.

Considerações Finais

Diante dos dados apresentados pode-se afirmar que um aluno construtor de seu mapa mental é um leitor crítico do seu próprio espaço, ou seja, um sujeito capaz de correlacionar o conhecimento do cotidiano com os conteúdos geográficos apreendidos em sala de aula.

Contudo, a produção de mapas mentais se destacou como uma atividade de grande importância para a produção do raciocínio espacial dos alunos, pois permitiu refletir sobre o espaço de vivência e contextos que, muitas vezes, ainda não haviam sido percebidos por eles, seja na escala da rua, do bairro, do centro histórico ou, até mesmo, de toda a extensão da cidade. Nota-se também, que esse recurso metodológico valoriza a experiência humana no espaço, e ressalta afetos e intencionalidades do mapeador.

Após a construção dos mapas mentais, a atividade não se dá como acabada, pelo contrário, inicia-se o momento principal do professor entrar em cena para analisar, interpretar e problematizar os elementos espaciais reproduzidos pelos alunos, bem como confrontar os saberes cotidianos com os conhecimentos científicos estudados na ciência geográfica. Desse modo, essa prática metodológica não terá um fim em si mesmo, mas um caminho cheio de possibilidades a se explorar.

Referências

AGUIAR, Waldiney Gomes de. *O processo de aprendizagem da cartografia escolar por meio da situação didática*. 2013. 304f. Tese (Doutorado em Ciências), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

ALMEIDA, Rosângela Doin; PASSINI, Elza Yasuko. *O espaço geográfico: ensino e representação*. São Paulo: Contexto, 2010.

Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.2, 2020.

AMORIM, Franciana Caon. *Não tem parquinho, mas eu adoro brincar aqui: O uso do espaço escolar pelas crianças em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora*. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. Abordagem do conteúdo “relevo” na Educação Básica. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). *Temas da Geografia na escola básica*. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 167-178.

CALLAI, Helena Copetti. *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLAR, Sônia. A Psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In: CASTELLAR, Sônia. (Org.). *Educação Geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 38-50.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de conceitos: uma contribuição de Vygostsky ao Ensino de Geografia. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207. 2009.

_____. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. Belo Horizonte, novembro de 2010. *Anais...*, Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 1-16.

HOLZER, Werther. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. *Revista Geographia*, Niterói, v. 2, n. 3, p. 111-122. 2000.

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salette. (Org.). *Da percepção e cognição a representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 114-138.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salette. Lugar e mapa mental: uma análise possível. *Revista Geografia - UEL*, Londrina, v. 18, n. 1, p. 207-231, jan./jun. 2009.

LOPES, Claudivan Sanches. Aprendizagem da docência em Geografia: reflexões sobre a construção da profissionalidade. *Ensino em Re-Vista* (Online), v. 19, n. 02, p. 307-320, jul./dez. 2012.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.

MALANSKI, Lawrence Mayer; KOZEL, Salette. Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 154-169, ago.2015.

NASCIMENTO, Érica Nayara Santana; VIEGAS, Luciana Pinheiro; SILVA, Tânia Paula. Mapas mentais como recurso didático: um estudo de caso em Cáceres/MT. In: 16ª SEMAGEO, 2016, Cáceres. *Anais da XVI Semageo e II Seminário da Pós-graduação em Geografia*. Cáceres: Unemat, 2016. p. 1-12. ISSN 2185-8956.

PAGANELLI, Tomoko Lyda. Para construção do espaço geográfico na criança. In: ALMEIDA, Rosângela Doin (org.). *Cartografia escolar*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 129-148.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RAMÍREZ, Iliana Araya.; SOTO, Xenia Paxeco. Mapas Cognitivos: Aprendizajes desde la vivencia espacial. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, v. 1, n. 42, p. 11-29, jul./dez. 2008.

RICHTER, Denis. *O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. *Revista RA' E GA*, Curitiba: Editora UFPR, n. 13, p. 19-27. 2007.

SEEMANN, Jörn. Cartografia e Cultura: abordagens para a geografia cultural. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. (Org.). *Temas e caminhos da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010. p. 115-156.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, A. F. (Org.). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 92-109.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

_____. A Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

VESENTINI, José William. O novo papel da escola e do ensino da geografia na época da terceira revolução industrial. *Revista Terra Livre*, São Paulo, n. 11-12, p. 209-224. 1996.

_____. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). *A geografia em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999. p.14-33.

Érica Nayara Santana do Nascimento

Possui Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2005); Pós-graduação *Latu Sensu* em Educação, Diversidade e Cidadania pela Faculdade Educacional da Lapa - FAEL (2016); Pós-graduação *Latu Sensu* em Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.2, 2020.

Ensino de Geografia pela Faculdade Venda do Imigrante (2017); Mestrado em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2017). Atualmente, encontra-se como professora regente de Geografia da Escola Estadual "Profº Demétrio Costa Pereira", e supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID (2018).
E-mail: ericanay.geografia@gmail.com

Recebido para publicação em 26 de setembro de 2020
Aprovado para publicação em 29 de novembro de 2020
Publicado em 22 de dezembro de 2020